

■ Muda o perfil dos que viajam para a região da capital em busca de um futuro melhor

O fluxo migratório de hoje de nada lembra o dos anos 1960, quando Brasília foi construída. Houve uma mudança na origem e no destino dos migrantes, assim como no seu perfil. Quem diz é a demógrafa Ana Maria Nogales, diretora do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília.

A comparação entre os dois fluxos migratórios foi tema da pesquisa *Da utopia à realidade: uma análise dos fluxos migratórios para o*

Aglomerado Urbano de Brasília, realizada no ano passado em conjunto com mais quatro pesquisadores, sob coordenação de Ana Maria.

Quando Brasília foi construída, a previsão era de que o Plano Piloto atingisse o total de 500 a 700 mil habitantes. As cidades satélites foram criadas antes mesmo que a população alcançasse essa proporção. Para essas cidades, sem infraestrutura, sem trabalho nem funções econômicas definidas, foram transferidos os

trabalhadores migrantes pobres. Para a pesquisadora, foi aí que se opuseram centro e periferia, na recém construída capital do Brasil.

O Plano Piloto tem funções de centro do poder, além de lugar de residência dos funcionários públicos. A periferia, no caso as cidades satélites, foi sempre encarada como cidades dormitórios dos trabalhadores de baixa renda.

Segundo dados da pesquisa, baseados no Censo de 1970, o Plano Piloto era destino de

51% do fluxo de migrantes. Taguatinga, Gama e Sobradinho apareceram como destinos de 19,6%, 12,8% e 7,1%, respectivamente de quem vinha de fora.

Mas de onde vinham esses novos moradores do Distrito Federal? Da região Sudeste saíram 41% dos imigrantes. Do Nordeste, 32,6%. E do Centro-Oeste, 23,6%. O Gama recebeu o maior número de migrantes nordestinos, e Taguatinga, de Minas Gerais e Goiás.

— A imigração no momento da transferência da capital era muito familiar. Vinham pais, mães e filhos. Eram famílias que se instalavam na nova capital — afirmou Ana Maria.